

Resenha

Sobre a incerteza do presente

Adriano Machado Oliveira*

MORIN, E. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010. 70 p.

Conhecemos o presente? Estamos de posse das interpretações que nos permitem prever o futuro? Conhecemos o passado em sua plenitude? Estas são algumas das indagações levantadas pelo sociólogo e filósofo francês Edgar Morin em sua mais recente publicação no Brasil, *Para onde vai o mundo?*, a qual retoma suas análises do início da década de oitenta, efetuadas em *Pour sortir Du XX siècle* (1981).

No primeiro capítulo, o qual dá nome ao livro, o autor efetua uma análise teórica e argumentativa acerca da impossibilidade de continuarmos pensando a relação passado/presente/futuro de forma linear e mecanicista. Elabora uma crítica, desse modo, às perspectivas tecnicistas e economicistas que predominaram durante a década de setenta e que defendiam a chegada de um futuro de vertiginoso progresso e harmonia social. De outro modo, Morin analisa, essas promessas ignoravam as variáveis sociais, psíquicas, políticas e morais que afetam a tomada de decisões pelos sujeitos. Noutras palavras, a aparente estabilidade econômica dos países capitalistas centrais, nos primeiros anos do estado neoliberal, fez com que precocemente se acreditasse no estabelecimento de uma sociedade finalmente justa e equilibrada. No entanto, tanto europeus quanto americanos ignoraram que paralelamente ao desenvolvimento econômico pelo qual passavam, um simultâneo subdesenvolvimento se acentuava na América Latina e em todo o então Terceiro Mundo, de forma que a palavra progresso já não poderia ser empregada. Assim, pois, “existe desenvolvimento que traz em si subdesenvolvimento, isto é, que seu progresso comporta e produz regressões” (MORIN, 2010, p. 28).

Segundo o autor francês, ainda nos encontramos atrelados a uma visão técnico-burocrática de progresso, a qual, por sua vez se apresenta como elemento preponderante de nossas análises acerca do presente e do futuro.

* Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Araguaína, Tocantins, Brasil.

Creemos que a técnica e a economia podem nos fornecer indícios seguros dos patamares de desenvolvimento em que nos encontramos e, com isso, permanecemos fechados em um paradigma bastante estreito e fechado acerca da sociedade – em um emaranhado de discursos científicos e cotações das bolsas de valores que, transformados em estatísticas, dirigem nossas concepções sobre o presente. Como considera Morin (2010, p. 15), “a evolução não obedece às leis nem aos determinismos prepotentes. Não é mecânica nem linear. Nela não existe um fator dominante que permanentemente comanda a evolução”. Em seguida, o autor conclui: “O futuro seria facilmente predizível se a evolução dependesse de um fator predominante e de uma causalidade linear”.

Mas, afinal, o que constitui o presente? O que nos permite configurar o futuro? Para Morin, a realidade se apresenta multidimensional, com seus fatores sociais, políticos, morais, ideológicos, econômicos, etc., sendo que existe uma rotatividade na predominância de cada um desses fatores como elementos decisivos na produção do progresso em cada época da história. Não existe, por conseguinte, um fator-mestre a direcionar a humanidade. Na presente obra, pois, o autor sinaliza para a nossa falsa pressuposição de conhecermos o passado. Noutras palavras, cremos em nosso conhecimento pleno do passado, como se a História nos fornecesse de modo fiel e inequívoco um olhar imparcial sobre os acontecimentos, não restando quaisquer brechas a serem analisadas. Para Morin, esse engano igualmente impossibilita nosso pleno conhecimento do presente. Nas palavras do pensador francês: “o passado é construído a partir do presente, que seleciona aquilo que, a seus olhos, é histórico, isto é, precisamente aquilo que, no passado, desenvolveu-se para produzir o presente” (MORIN, 2010, p. 12). Isso nos permite afirmar que a configuração do tempo presente não deveria ser encerrada quando detectamos fatores importantes que o influenciam, mas que deveríamos também buscar na interpretação permanente do passado sedimentos do que hoje se produz socialmente. Trata-se, pois, de mantermos o conhecimento do passado em aberto, conscientes de suas brechas à espera de nossos olhares, para então podermos novamente interpretar o presente em que nos encontramos. De fato, “[...] a maior ilusão é crermos conhecer o presente só porque vivemos nele” (MORIN, 2010, p. 13).

As considerações que Morin nos traz neste capítulo, tornam-se ainda mais relevantes quando as transpomos para o contexto educacional contemporâneo. Os jovens vivem hoje a imersão em ambientes virtuais que os capturam e que produzem novas relações com a escrita e com o outro (NICOLACI-DACOSTA, 2005; VIRILIO, 1997) e, no entanto, muitos têm vivido tais alterações como produtos naturais do desenvolvimento tecnológico, sem que reflexões educacionais mais aprofundadas sejam elaboradas, na medida em que a relação do sujeito com os saberes escolares parece estar sendo afetada. Agimos, não raras vezes, dessa maneira, como se possuíssemos uma visão efetiva do presente, e é justamente nesse momento que demonstramos então ignorar o passado. Noutras palavras, acreditamos estar de posse de um conhecimento pleno do passado educacional e, com isso, podemos nos tornar displicentes com

situações-chave do mundo contemporâneo, como as alterações introduzidas pela internet, as quais nos confrontam com sérias reflexões educacionais e sociais (VIRILIO, 1997).

A presente obra de Edgar Morin, nesse sentido, traz-nos uma análise teórica que nos coloca diante de nosso parcial desconhecimento do passado. Indica-nos, pois, que ainda necessitamos revisitá-lo, reinterpretá-lo, na busca de encontrarmos brechas ainda não visualizadas e, principalmente, com o intuito de formularmos respostas para a compreensão de nosso presente. Como conheceríamos o futuro se sequer conhecemos o presente? De que modo poderíamos analisar as repercussões educacionais de um dado evento – como a virtualidade da internet –, se ainda o presente se mostra para nós como neblina, como considera Morin? O futuro, nessa perspectiva, faz-se indissociável da configuração que damos ao presente, de modo que um desconhecimento deste último nos lança na impossibilidade da ação, na inércia diante dos acontecimentos que nos acercam. Passado/presente/futuro fazem parte, dessa maneira, de uma cadeia que interage constantemente, mas jamais de uma forma linear. “Nós perdemos a evolução linear, o vir a se programado, o futuro robotizado...” (MORIN, 2010, p. 34), assevera o pensador francês. Necessitamos, então, retomarmos nosso olhar para o passado antes de desejarmos vislumbrar o futuro. Tomando as conceituações de Morin no livro em pauta, podemos considerar que enquanto crermos conhecer o passado educacional como algo já desvendado, ainda estaremos “[...] na noite e na neblina [...]” (p. 52) – perdidos no presente e incapazes de tatearmos o amanhã.

No segundo e último capítulo, intitulado “o acasalamento das baleias”, o autor se indaga acerca das possibilidades de a sociedade global fazer nascer uma noção de humanidade. Imerso, no período da escrita do livro, na guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, Morin aponta para a consciência do potencial aniquilamento do planeta como um recurso para o florescimento de um dar-se conta que evite a morte de todos. Noutras palavras, Morin reflete em torno das possibilidades de resistência da sociedade global e em torno de um futuro catastrófico. Nesse sentido, a iminência do que ele denominou “megamorte” (MORIN, 2010, p. 56), poder-se-ia transformar no principal elemento para a construção de uma humanidade planetária, que evitasse a ruína do homem. Dentre outros pontos, o autor destaca ainda o que ele considera como a grande positividade em meio ao enganoso desenvolvimento econômico do neoliberalismo nascente: a percepção de que “o futuro não é mais a fulgurante marcha para a frente, ou, antes, é a fulgurante marcha para a frente das ameaças de aniquilamento que devemos resistir [...]” (p. 62).

Para onde vai o mundo?, por tudo isso, constitui-se em mais uma obra relevante de Edgar Morin, na qual o leitor poderá encontrar as reflexões embrionárias do pensador francês em torno de temáticas bastante caras ao desenvolvimento de suas teorizações na área da educação, como a necessidade de enfrentarmos a incerteza do conhecimento que produzimos sobre o pre-

Adriano Machado Oliveira

sente e a inadiável tarefa de ensinarmos uma ética do gênero humano nas escolas – conceitos que são tomados em *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro* (MORIN, 2000).

Referências

MORIN, E. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010. 70 p.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. 118 p.

_____. **Pour sortir du XX siècle.** Paris: Fernand Nathan, 1981. 205 p.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Os primeiros contornos de uma nova configuração psíquica. **Caderno Cedes**, Campinas, p. 71-85, v. 25, n. 65, jan./abr. 2005.

VIRILIO, P. **El Cíbermundo:** la política de lo peor. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997. 112 p.

Correspondência

Adriano Machado Oliveira – Rua Ceres 277, Setor Senador, CEP: 78700-000, Araguaína, Tocantins(TO), Brasil.

E-mail: psic.adriano_oliveira@yahoo.com.br – adriano.oliveira@uft.edu.br

Recebido em 27 de novembro de 2010

Aprovado em 17 de fevereiro de 2011